

WALTER BENJAMIN E FRANZ FANON: IDENTIFICAÇÃO E ANTAGONISMO NO CONTEXTO SOCIAL CAPITALISTA

WALTER BENJAMIN AND FRANZ FANON: IDENTIFICATION AND ANTAGONISM IN THE CAPITALIST SOCIAL CONTEXT

Maria Thais da Silva da Cruz¹
ORCID ID: 0009-0006-6005-3747

João Emiliano Fortaleza de Aquino²
ORCID ID: 0000-0003-0285-8628

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar, através das reflexões de Walter Benjamin e Frantz Fanon, dois processos de identificação no interior das relações sociais que manifestam aspectos das adversidades da estrutura social capitalista. Veremos que esse processo, embora venha de pontos antagônicos do capitalismo, ganha sentidos diferentes a partir da historicidade dos seus contextos. Enquanto que, para Benjamin, a identificação dos vencidos com os vencedores opera para o fortalecimento da tradição dos vencedores; em Fanon, a relação de identificação é inicialmente uma tentativa do indivíduo colonizado ser reconhecido como humano, em um mundo construído a partir da visão dos colonizadores. Desse modo, ambas as perspectivas revelam dinâmicas de dominação simbólica e material, evidenciando como a identidade pode ser moldada por relações de poder desiguais, influenciando a consciência histórica, cultural e social dos sujeitos envolvidos. Evidenciando que no contexto do capitalismo o processo de dominação vai além do âmbito material, mas também social.

Palavras-chave: Identificação. Antagonismo. Historicidade. Capitalismo. Indivíduo

Abstract: The objective of this work is to present, through the reflections of Walter Benjamin and Frantz Fanon, two processes of identification within social relations that manifest aspects of the adversities of the capitalist social structure. We will see that this process, although it originates from antagonistic points within capitalism, acquires different meanings based on the historicity of its contexts. While, for Benjamin, the identification of the defeated with the victors operates to strengthen the tradition of the victors; in Fanon, the relation of identification is initially an attempt by the colonized individual to be recognized as human in a world constructed from the perspective of the colonizers. In this way, both perspectives reveal dynamics of symbolic and material domination, highlighting how identity can be shaped by unequal power relations, influencing the historical, cultural, and social consciousness of the subjects involved. This shows that, in the context of capitalism, the process of domination goes beyond the material sphere, extending also into the social sphere.

Keywords: Identification. Antagonism. Historicity. Capitalism. Individual

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Secretaria Municipal de Educação do Eusébio-CE. E-mail: prof.thais.cruz@gmail.com /Lattes: 0581381549809522

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: emiliano.aquino@uece.br /Lattes: 0936984889045368

Introdução

O capitalismo, que no século 16 levou ao conhecimento de um “Novo Mundo” à Europa, mantém-se nos séculos subsequentes através de um processo violento de dominação territorial em outros continentes. Essa dominação, promovida pelas sociedades da Europa movidas pela lógica do capitalismo de acumulação de bens e propriedade privada dominaram, escravizaram e sufocaram qualquer iniciativa que ferisse a hegemonia dessas sociedades que estavam no centro da dominação, estabelecendo-se como metrópoles.

Segundo Hobsbawm, estamos diante de um mundo dividido em dois setores que se relacionavam e constituíam um sistema global; um menor, o Primeiro Mundo, marcado pela sua história e por serem os portadores do desenvolvimento capitalista e outro maior, o Segundo mundo que tem como semelhança entre si a relação com o setor menor, apenas, pois: “O Segundo Mundo não era unido por sua história, cultura, estrutura social nem instituições, nem sequer pelo que hoje consideramos a característica mais marcante do mundo dependente: a pobreza em massa” (HOBBSAWM, 1988, pp. 22).

Em 1845, nas Teses sobre Feuerbach, mais precisamente na Tese 9, Marx afirma “O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo”(MARX, 2007, pp. 535). Essa proposição postula uma crítica ao materialismo anterior a Marx, que não baseava a realidade humana como realidade objetiva; passando assim, a conceber as atividades humanas, a realidade, como atividades práticas, objetivas e não mais a partir do idealismo, de modo abstrato. Ou seja, para Marx as atividades humanas devem ser compreendidas como atividades objetivas, e as mudanças nas suas circunstâncias necessitam da atividade prática, pois qualquer concepção humana pertence, na realidade, a uma forma determinada de sociedade e não a uma forma abstrata desconectada do real. Para o autor, portanto, *a vida social é essencialmente prática* (MARX, 2007, pp. 534).

Nesse sentido, a partir das concepções marxianas sobre a realidade humana, enquanto, realidade objetiva, entraremos na Teoria Crítica da sociedade capitalista e nos estudos pós-coloniais do século 20, através do pensamento de Walter Benjamin e Frantz Fanon, para apresentar duas formas de identificação no interior das relações sociais que manifestam as adversidades na estrutura social capitalista. Veremos que a partir do conceito de Empatia (*Einfühlung*) benjaminiano, apresentado nas *Teses sobre conceito de história* (1940); e do conceito fanoniano de Língua, no livro *Pele preta máscaras brancas* (1952), são elucidadas duas formas de identificação a partir das adversidades dos seus contextos.

Notamos que o contexto abordado por Benjamin, apresenta a relevância dos pressupostos do historicismo sobre contexto político alemão, que alimentará as concepções de homogeneização e linearidade fortemente criticadas pelo autor. Já Fanon, considerando que a metrópole europeia consegue nivelar a subordinação social com a subordinação econômica nos países que foram colonizados, aborda as relações sociais evidenciando as consequências da violência colonial sobre a vida das pessoas e nesse sentido, apresenta as adversidades vivenciadas pelos cidadãos que vivem na colônia, na tentativa de reconhecimento da sua humanidade em um mundo que foi constituído a partir da visão, norma e métrica do homem branco, mundo que foi introduzido junto com a colonização. Esse contexto, mostra como a relação entre a metrópole e a colônia é permeada pelo racismo.

Desenvolvimento

No século 20, a teoria crítica da sociedade capitalista, que em meio ao contexto das guerras na Europa coloca em questão uma certa concepção de progresso estruturada no seu próprio continente e se debruça sobre o estudo da sociedade capitalista a partir da teoria marxiana. Walter Benjamin é um dos principais autores da Teoria Crítica do período, levantando debates e contribuindo teoricamente com a chamada Escola de Frankfurt na crítica à sociedade capitalista. No entanto, a escola de Frankfurt não é a única corrente filosófica a contribuir para a crítica da sociedade capitalista.

No século 20, o imperialismo europeu sobre as nações periféricas ao capitalismo, é visto de modo geral como uma nova etapa do capitalismo. Nesse contexto político- econômico do mundo a filosofia pós-colonial levanta reflexões sobre a sociedade capitalista e traz críticas que vão além da descrição da exploração e do colonialismo, mas refletem sobre os efeitos e consequências da colonização e da relação antagônica entre colonizador e colonizado. Frantz Fanon é um dos grandes precursores dessa corrente e, embora tenha morrido muito jovem, contribuiu significativamente para esse debate; em “Pele negra, máscaras brancas”, o autor retoma a relação do indivíduo e a sociedade, concebendo que todo indivíduo, enquanto, um Ser social, está integrado a um ambiente social. E essa integração é mediada pelas relações sociais.

Walter Benjamin e Franz Fanon têm suas reflexões político-filosóficas influenciadas pela teoria marxiana, os filósofos entendem que a relação entre base e cultura no sistema capitalista estão correlacionadas, no entanto, essa correlação será explorada de maneiras distintas pelos autores.

As “Teses sobre o conceito de história”, de Benjamin e “Pele negra, máscaras brancas”, de Fanon, embora se proponham a conceitualizar objetos diferentes, mantêm a historicidade como pano de fundo para elucidá-los. No primeiro texto, Benjamin elabora teses que não sabemos qual era, de fato, a sua finalidade: se seria publicado ou não, ou se operaria como um prefácio das *Passagens* (outro fator é saber, em qual estágio de escrita o texto estava, se já estava completo ou se tratava de reflexões sobre a história que ainda iriam ser desenvolvidas). Sabemos que, nos anos 40 Benjamin estava exilado na França fugindo do nazismo e morre tentando ir para a Espanha para de lá deixar a Europa, no entanto, devido a complicações de saúde e aos embargos para cruzar a fronteira, não se sabe se ele se matou ou tomou acidentalmente morfina em excesso e veio a óbito.

As *Teses* foram os últimos escritos de Benjamin trocados com alguns amigos antes da sua morte. Os temas de cada tese não são sequenciados, no sentido de que uma tese não necessariamente será elucidada pela seguinte. Mesmo assim, destacam-se as temáticas político-filosóficas sobre o conceito de história através da crítica à social-democracia alemã e a ação política que ela estava dedicada, a relação passado e presente, a tradição dos vencidos, a figura do historiador materialista, a Redenção, o Tempo homogêneo e vazio, o Tempo-de-agora com inegáveis referências à mística judaica e ao materialismo histórico.

Um pouco mais adiante Fanon, natural da Martinica, submetida ao colonialismo francês, elucidará através de uma análise regressiva questões étnico-raciais vivenciadas entre seu país e a metrópole. Fanon nasceu em uma família de classe média, combateu na segunda guerra pela França contra os nazistas, período que também enfrentou o racismo dos seus próprios companheiros de farda franceses. O autor cursou psicanálise em Lyon e em sua experiência de estudante, conheceu o poeta Aimé Césaire, e sempre referencia o poeta para elucidação de algumas passagens dos seus escritos, assim como: Marx, Freud, Lacan e Hegel. Nesse período de estudante, Fanon se aproximou dos ideais de resistência ao imperialismo francês na África, chegando até a apoiar a luta de libertação da Argélia.

Através da psicanálise, Fanon desenvolveu a crítica étnico-racial ao acompanhar pacientes que manifestaram psicopatologias que se relacionavam com o racismo estrutural, identificado em sociedade que passaram pelo processo de colonização. *Pele negra, máscaras brancas* de início foi elaborado para ser um trabalho de conclusão de curso, mas acabou sendo rejeitado pela academia, substituído por outro trabalho e publicado de forma independente anos depois.

Ambos os pensadores vivenciaram processos violentos de dominação, Benjamin, filósofo judeu, na Europa sob o domínio nazista, na primeira metade do século 20, da primeira

e segunda guerra; e Fanon filósofo natural das Antilhas, subordinada a colonização francesa na Martinica. Embora tenham origens diferentes, Benjamin e Fanon compartilham pontos em comum, como o interesse pela psicanálise, marxismo e política, mas o ponto que merece destaque aqui para nossa proposta é a relação da historicidade como uma base segura na reflexão dos autores, seja para uma concepção crítica de conceito de História ou para a relação crítica de Língua e humanismo.

Nas *Teses sobre o conceito de história*, Walter Benjamin refletindo sobre o conceito de história pontua como as relações sociais existem sob a coexistência de dois grupos, os dominadores e os dominados, ou os vencidos e os vencedores. Para elucidar essa questão recorreremos a Tese 7 das *Teses* e exploraremos as questões políticas apontadas por Benjamin, principalmente em sua análise da social-democracia alemã. Em seguida, passaremos para as reflexões de Fanon. No livro *Pele negra e máscaras brancas*, o autor nos mostra como indivíduos naturais de países colonizados crescem sob um fardo racista tão agressivo que os levam a querer ser branco, e nesse sentido, mostra que a dominação colonialista está além da subordinação material de um povo e qual o papel da Língua nesse contexto.

Nos escritos de 1930 e no trabalho das Passagens, Walter Benjamin sempre destaca o ritmo avassalador que o capitalismo coloca sobre a sociedade, cita as mudanças na estrutura da cidade, as novidades da dinâmica urbana e os fenômenos que surgem na metrópole moderna, e nas *“Teses sobre o conceito de história”* (1939), o autor observa como a empatia e o conformismo são consequências de uma história narrada por vencedores a partir da análise do contexto sócio-político do final do século 19, período que recebeu forte influência do Historicismo; e, da constituição da Social-Democracia Alemã.

O conceito de Empatia (*Einführung*) é elaborado ao lado da crítica ao historicismo, destacando-se ao mesmo tempo como o procedimento crucial, que o autor deixa claro, que o historiador do materialismo histórico deve romper.

Ao historiador que quiser reviver uma época, Fustel de Coulanges recomenda banir de sua cabeça tudo o que saiba do curso ulterior da história. Não se poderia caracterizar melhor o procedimento com o qual o materialismo histórico rompeu. É um procedimento de identificação afetiva (BENJAMIN, 2005, pp.70).

Embora estejam em teses diferentes, a figura do historiador elaborado por Benjamin considera materialismo histórico como uma ferramenta contra a relação de empatia entre o presente e o passado, que está no cerne da crítica benjaminiana a historiografia burguesa alinhada ao Historicismo.

A historiografia burguesa e a noção de progresso social-democrata alemão são duas concepções criticadas por Benjamin, pois trazem uma concepção de tempo homogêneo e passado acabado, cooperando para falta de criticidade com o passado e conformismo com o presente. Na Tese 7, o filósofo questiona: ... com quem, afinal, propriamente o historiador do Historicismo se identifica afetivamente? A resposta é, inegavelmente: com o vencedor” (BENJAMIN, 2005, pp.70). Benjamin discorda da concepção historicista/positivista que coloca o historiador numa posição neutra; para Benjamin: “articular o passado historicamente não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi” (BENJAMIN, 2005, pp.70).

Abordar “a história como realmente ela foi” é uma proposição que Benjamin se mostra fortemente contrário, ela remonta a concepção do historiador alemão Leopold von Ranke³ (1795-1886) que reverbera no pensamento histórico moderno. Ranke é o historiador que trouxe mais sistematização à investigação do passado. Com o advento do Historicismo na Europa, o estudo da História recebe um certo alinhamento científico e alcança diversas formas de expressão, antes dessa sistematização, a História podia ser tratada, como: pensamento filosófico, exercício literário, ou apenas um levantamento indiscriminado de fontes. Esse cientificismo também se desenvolverá no campo político, como no interior da social-democracia alemã (WEHLING, 1973, pp. 178).

A social-democracia alemã se desenvolveu no contexto da segunda internacional, onde emergiram novas interpretações do marxismo no final do século 19 e início do século 20, uma delas amplamente difundida e incorporada pela social-democracia alemã, que entendia como ininterrupto o inevitável processo da luta de classe à necessidade histórica. A partir de uma noção de progresso, a social-democracia alemã acreditava que estava em um processo contínuo de desenvolvimento, concepção que estava fortemente inclinada ao positivismo que também se desenvolvia na época. Esse postulado teórico é uma das principais marcas do período, mas que operou mais para um conformismo político do que para uma transformação social, segundo Benjamin:

A teoria social-democrata, e, mais ainda, a sua práxis estavam determinadas por um conceito de progresso que não se orientava pela realidade, mas que tinha uma pretensão dogmática. O progresso, tal como ele se desenhava na cabeça dos social-democratas, era, primeiro, um progresso da própria humanidade (e não somente das suas habilidades e conhecimentos). Ele era,

³ Ranke propagou a valorização das fontes documentais, priorizando-as, rejeitando interpolações e procurando agir criticamente sobre as fontes secundárias buscando encontrar nelas as fontes primárias, ou seja, para ele a história deveria estar baseada em fontes documentais que fizessem referência que provassem a sua veracidade. E muita dessa perspectiva tem haver com o pensamento científico que se expandia na época. Sobre o trabalho de Ranke e o pensamento histórico moderno.

em segundo lugar, um progresso interminável (correspondente a uma perfectibilidade infinita da humanidade). Em terceiro lugar, ele era tido como um progresso essencialmente irresistível (como percorrendo, por moto próprio, uma trajetória reta ou em espiral) (BENJAMIN, 2005, pp. 116).

Portanto, embora a corrente social-democrata apostasse na transformação social a partir da reflexão sobre as teorias marxianas, ela passa ao largo da dialética entre liberdade e necessidade apresentada por Marx e Engels, marcando assim, a cisão entre sociais-democratas e comunistas. À vista disso, a social-democracia alemã promove um tipo de marxismo sem a essência da Negação ou melhor dizendo:

(...) um marxismo “vulgar”, “grosseiramente mecanicista, evolucionista, distanciado da filosofia, mera explicação da necessidade das leis do desenvolvimento histórico frequentemente traduzido em termo de cientificismo positivista (HOBSBAWM, 1982, pp. 22).

De modo geral, o marxismo da segunda internacional atribui um caráter científico à concepção de história, pois é na história que se sucedem os sistemas de produção, podendo ser comparado a uma evolução, onde no seu auge atingiria as condições para a ruptura revolucionária. Nesse sentido, a revolução socialista é crucial para a transição do capitalismo para o socialismo, ela está no centro dos problemas históricos do desenvolvimento da sociedade apontados pela teoria marxiana, e é através dela que o proletariado colocaria fim a dicotomia inerente ao modo de produção capitalista, entre os detentores dos meios de produção e os que não detêm os meios de produção.

O principal teórico no cerne dessa questão foi Karl Kautsky, ele substituiu a dialética marxiana pelo evolucionismo social, concebendo o modo de produção capitalista como um sistema condenado ao fracasso devido a suas próprias contradições. Ele via como certa a revolução socialista sem a intervenção do homem. Convicção que coloca o marxismo como uma teoria do desenvolvimento regulado e natural da sociedade capitalista.

Através de Kautsky, a social-democracia entendia que a revolução chegaria naturalmente, demandando o amadurecimento das ideias socialistas pelos indivíduos e precisava do surgimento de condições favoráveis para sua efetivação. Sendo assim, a social-democracia voltou-se para a luta por melhores condições de trabalho, direitos trabalhistas e na melhoria da condição de vida do proletariado, ou seja, em reformas no interior da sociedade capitalista. Essas atividades reformistas do partido eram acompanhadas pela pequena-burguesia que compunha a ala de direita do Partido social-democrata.

Seguindo uma tendência que vinha desde Ranke, a ideia de evolução da sociedade como necessária para a transformação social também se estendeu ao campo da ciência, com destaque para Teoria da evolução de Darwin, muito em alta no contexto moderno. Nesse sentido, para os simpatizantes do darwinismo social, assim como os animais evoluíram de forma natural na história, a sociedade capitalista tenderia como por uma lei natural ao socialismo. A partir de sua lógica inerente, levaria à revolução socialista pela classe proletária. Através desse contexto, Benjamin aproxima as categorias do conformismo e da empatia com o vencedor. Conformismo no que diz respeito ao quietismo e espera de condições favoráveis para uma transformação social, e mais precisamente pela *Empatia* característica do historiador do Historicismo.

O partido social-democrata alemão alinhando-se com pensamento positivista e engajado em reformas tornou-se uma oposição vazia, que não foi capaz de se organizar contra o fascismo emergente da sociedade capitalista do início do século 20. A empatia com o vencedor também significa uma identificação afetiva com o dominador ou identificação com o agressor. Esse processo também se desenvolve de modo contínuo. Para Benjamin, os dominantes de hoje herdaram aquilo que os dominadores do passado tomaram, pois: “A identificação afetiva com o vencedor ocorre, portanto, sempre em proveito dos vencedores de turno” (BENJAMIN, 2005, pp. 70).

Benjamin coloca em discussão o processo de transmissão da história, onde a categoria de empatia revela que a tradição dos vencedores é conduzida por um processo de identificação com os dominadores por meio da apropriação dos bens culturais. Nesse sentido, Benjamin faz uma analogia com cortejos da antiguidade que passeavam pela cidade exibindo os ganhos da guerra, no entanto, o cortejo caminha sobre aqueles que não venceram. Para o filósofo, o processo de transmissão da cultura padece dessa tradição dos vencedores sobre os vencidos, onde a cultura passa de vencedor para vencedor.

A empatia, enquanto identificação afetiva, é um mecanismo de afirmação dos dominantes em todos os espaços da história, configurando a história a partir da sua visão, a visão do dominador ou vencedor, essa configuração traz para o conhecimento da história e do presente o desafio do exercício da criticidade, o que Benjamin chamou de escovar a história a contrapelo.

Nesse sentido, talvez encontremos aqui alguns pontos em comum entre Benjamin e o pensamento decolonial: a criticidade com o presente, a crítica a uma concepção universal e linear da história, a transmissão da cultura, a luta contra o dominador. No entanto, Benjamin passa pela experiência de dominação dentro da metrópole e Fanon em um país dominado por

uma metrópole, no caso a França, uma dominação político-econômica capitalista e isso traz outras consequências.

Motivado pela noção de um novo humanismo, em “Pele negra Máscaras brancas”, Fanon não elabora uma crítica ao historicismo, mas se apoia na historicidade vivenciada por ele para mostrar como o racismo vivenciado no cotidiano das pessoas, que cresceram em um país sob o domínio da metrópole europeia, afeta não apenas economicamente as pessoas, mas também socialmente e psicologicamente elas. Ou seja, a colonização promove um estado que está para além da dominação material de um povo, mas também inclui a linguagem, os valores, a cultura.

Para Fanon, a colonização além de submeter o povo a sua subordinação econômica, também passa a regular as relações sociais e práxis, ao exemplo da Língua. Para Fanon: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, pp. 33). O autor marxiano concebe que todo indivíduo é um ser social, e como ser social a vida social o estrutura, conduz-se através da linguagem. No caso dos indivíduos colonizados, que são destituídos de sua língua e cultura pela colonização, busca-se a assimilação com a cultura da metrópole através da língua, procuram se identificar através da língua francesa, no caso. Essa assimilação promove um processo de alienação social, onde o indivíduo que busca ser visto como ser humano precisa deixar suas raízes e adotar o comportamento do branco colonizador, dos franceses. O colonizado deve alinhar-se ao máximo ao que é postulado pelo colonizador, pois tudo o que se constituiu nesse ambiente social foi moldado pelo dominador, portanto, diversos aspectos da vida social passam por esse crivo. “Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (FANON, 2008, pp. 34).

Através do relato de suas vivências, o autor nos mostra que o principal campo explorado para essa adaptação é a assimilação da língua.

No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (FANON, 2008, pp. 34).

Para Fanon, quando um indivíduo sai da sua Terra natal e passa a viver um período na França, retorna impregnado da língua francesa, e passa a assimilar a cultura da metrópole em detrimento da cultura da sua Terra natal. Falar o francês passa um ar de superioridade e civilidade em relação a outras línguas. Ainda dentro do campo da língua, o autor também nos apresenta o *petit-negre*, comportamento dos franceses ao falar com os antilhanos que é diferente da forma com que o francês dirige-se a outro indivíduo de qualquer outra nacionalidade européia, pois apela para um linguagem forçada, caricatural onde os vocábulos são infantilizados e acompanhados de gesticulações.

Em certas passagens do livro Fanon comenta como os judeus, que também têm sua cultura e identidade marcadas pelos seus hábitos e costumes, que lhe são próprios, mas que são mais difíceis de ver publicamente, podem passar despercebidos até certo ponto, diferente do indivíduo negro na Europa, que mesmo mantendo todas as formas de agir dos homem branco, está sujeito ao racismo, no mesmo instante que é visto.

Ainda assim o judeu pode ser ignorado na sua judeidade. Ele não está integralmente naquilo que é. As pessoas avaliam, esperam. Em última instância, são os atos e os comportamentos que decidem. É um branco e, sem levar em consideração alguns traços discutíveis, chega a passar despercebido. Ele pertence à raça daqueles que sempre ignoraram a antropofagia. No entanto, que ideia, devorar o próprio pai! Mas tudo está bem feito, só precisamos não ser pretos. Claro, os judeus são maltratados, melhor dizendo, perseguidos, exterminados, metidos no forno, mas essas são apenas pequenas histórias em família. O judeu só não é amado a partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto novo. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição (FANON, 2008, pp. 34).

Fanon nos mostra que a colonização construiu uma noção de humano relacionada à branquitude, onde o indivíduo para ser entendido como ser humano deve embranquecer-se, como se isso fosse imprescindível para se legitimar como ser humano. Na introdução do livro, o autor afirma: “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, pp. 27), portanto, o colonizado, o negro busca ser visto como humano. No entanto, essa assimilação ocorre de forma unilateral, em vista que para a metrópole os indivíduos da colônia não são vistos como iguais. Apesar de falarem a mesma língua, assumirem o mesmo comportamento e ideias, os antilhanos esbarravam na barreira da cor.

Considerações finais

Nas obras dos filósofos em questão encontramos, respectivamente, uma identificação afetiva entre o presente e o passado, que guarda uma relação de dominação e a tradição dos vencidos; e em outra, uma identificação através da língua buscando o reconhecimento da sua humanidade. Ambas as críticas são formuladas a partir da historicidade dos contextos vivenciados pelos autores.

Nas *Teses sobre o conceito de história*, vemos como Benjamin apresenta a relação de empatia, ou identificação afetiva, como processo que fortalece a dominação dos vencedores sobre os vencidos a partir do processo de desenvolvimento da social-democracia alemã. E em *Pele preta e máscaras brancas*, Fanon nos mostra como a língua, introduzida pelo colonizador, opera para além da subordinação econômica, por ser a via que conecta os indivíduos ao mundo à sua volta.

A homogeneização e linearidade que foram criados na Europa reverberaram em diferentes períodos, sendo conduzidas pela lógica da dominação perpassada culturalmente de geração em geração acompanhando o desenvolvimento do capitalismo. A hegemonia do modo de produção capitalista, também significou a hegemonia do grupo economicamente dominante sobre outros, não só os subordinando economicamente, mas também socialmente.

Ambos os autores mostram um processo de identificação que opera para consolidar as relações de dominação, Benjamin com o conceito de Empatia, uma espécie de identificação afetiva com o passado e seus “heróis”, e Fanon, considerando que as sociedades colonizadas, por conta da colonização, têm como métrica de humano o homem branco e a sua cultura. Assim, Fanon nos mostra que a língua é um recurso que o indivíduo colonizado busca para ser visto como humano, ou seja procura se identificar e se conectar com as imagens produzidas e promovidas pela metrópole, em busca de um reconhecimento da sua humanidade. No entanto, a identificação afetiva que Benjamin concebe entre o presente e o passado, que revela a tradição dos vencidos e vencedores, que enterra outras histórias é diferente da identificação que o indivíduo colonizado busca com o colonizador, em Fanon, pois essa última, emerge da tentativa de reconhecimento da sua humanidade, ou até mesmo de sobrevivência, uma vez que, as sociedades colonizadas se estruturam a partir da metrópole tanto economicamente como socialmente. Portanto, dentro do contexto capitalista, evidencia-se que o processo de dominação vai além do âmbito material, mas também social.

Referências

BALLESTRIN, L.. (2013). *América Latina e o giro decolonial*. Revista Brasileira De Ciência Política, (11), 89–117. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

_____. *Correspondance II 1929- 1940*. Paris: Aubier Montaigner, 1979.

FANON, F. Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. ed. EDUFBA, Salvador-BA, 2008.

_____. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira S.A,1968

HOBBSAWM, Eric J., *A era dos impérios 1845 -1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *História do marxismo II: o marxismo na época da segunda Internacional* / Eric Hobsbawm ... |et al |Tradução de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho - Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. (Coleção Pensamento crítico: v. 46)

LOWY, Michael, - *Walter Benjamin: aviso de incêndio / uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"* / Michael Lowy; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller. - São Paulo: Boitempo, 2005.160p.

MARX, Karl. Karl Marx – Marx sobre Feuerbach (1845) In: *A ideologia alemã : crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)* / Karl Marx, Friedrich Engels; supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. - São Paulo: Boitempo, 2007.

WEHLING, Arno. *Em torno de Ranke: a questão da objetividade histórica*. Revista de História, São Paulo, v. 46, n. 93, p. 177–200, 1973. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1973.131940. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131940>. Acesso em: 23 jun. 2024.